



FEIRA DE ARTESANATO E GASTRONOMIA  
DO CONCELHO DE NISA / 1989

# VII FESTIVAL DE FOLCLORE DE NISA

29 de Julho de 1989

Organização do  
RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE NISA

Apoio  
CAMARA MUNICIPAL DE NISA  
DELEGAÇÃO DE PORTALEGRE DO INATEL  
FEDERAÇÃO DO FOLCLORE PORTUGUÊS

COTA 32 / FES  
NÚMERO  
REGISTO 133  
BIBLIOTECA MUNICIPAL  
DE NISA

**GRUPOS FOLCLÓRICOS PARTICIPANTES**

- RANCHO FOLCLÓRICO DO  
CLUBE RECREATIVO SPOR CHINQUILHO ARROTEENSE  
- Alhos Vedros -
- GRUPO FOLCLÓRICO VARINAS DE OVAR  
- Ovar -
- ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA "CANTARINHAS DE TRIANA"  
- Rio Tinto -
- GRUPO CORAL E ETNOGRÁFICO  
"AS CAMPONESAS DE CASTRO VERDE"  
- Castro verde -
- GRUPO DE DANÇAS E CANTARES  
DE STª MARIA DO OLIVAL  
- Vila Nova de Gaia -
- RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE FIGUEIRÓ  
- Amarante -
- RANCHO TÍPICO DE PALEÃO  
- Soure -
- RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE SOUSELO  
- Castelo de Paiva -
- RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE NISA



## RANCHO FOLCLÓRICO DO CLUBE DAS ARROTEIAS

O Rancho Folclórico do Clube das Arroteias, é membro da secção de Folclore do Clube Recreativo Sport Chinquinho Arroteeense, secção esta que foi fundada em 1 de Março de 1969.

O lugar das Arroteias pertence à Freguesia de Alhos Vedros, Concelho da Moita, Distrito de Setúbal e Província da Estremadura, estando inserida na chamada zona "Caramela", pois na sua origem estão os também chamados "Caramelos de ir e vir", gentes das actuais Beira Litoral e Beira Alta que emigraram todos os anos para a margem Sul do Tejo, procurando trabalho.

### ARROTEIAS

Era, um lugar de predominância agrícola até 1960; as suas grandes culturas eram a batata, milho, feijão e as hortas, mas a partir da data anteriormente referida a agricultura entrou em declínio por ter havido um grande desenvolvimento industrial, tendo por este motivo existido um aparente abandono das terras, não querendo dizer que ainda hoje nos nossos dias não existam trabalhadores do campo, só que em número muito restrito.

Este rancho tem como finalidade preservar e recolher todo o património cultural que nos foi legado pelos nossos antepassados, divulgando as danças e cantares por eles utilizados.

## GRUPO FOLCLÓRICO "AS VARINAS DE OVAR"

### HISTORIAL

Integrado na área suburbana da cidade de Ovar, o Torrão do Lameiro situa-se numa das zonas turísticas mais belas do nosso país, desfrutando ao mesmo tempo da ria do pinhal e do mar.

Terra Vareira por excelência, em que a labuta do dia-a-dia se reparte pelo trabalho nos campos verdejantes e férteis ou da rude faina da pesca na ria e no mar, o Torrão do Lameiro tem sido e continua a ser um verdadeiro alfobre do mais genuíno e autêntico folclore vareiro.

Para tanto, em muito tem contribuído o seu Grupo Folclórico "As Varinas de Ovar" o qual, constitui sem dúvida, um dos melhores e maiores cartazes de propaganda da zona ribeirinha da Ria de Ovar.

Assim, o seu traje tão característico, bem como o seu extenso e variado repertório de danças e cantares representam o "modus vivendi" das gentes da ria, numa amálgama de usos e costumes próprios das pessoas que vivem o seu dia-a-dia dependentes daquilo que o mar e a terra lhes poderá oferecer.

Comprovando a indelével vitalidade e pujança deste agrupamento folclórico, há que referir a participação em inúmeras festas e romarias nas mais diversas terras deste país, como também vários festivais de folclore, de âmbito Nacional e Internacional, dos quais destacamos entre outros:

Festival Algarve/

Festinate/82 - Lisboa

Contudo, e conforme mencionamos, o momento áureo do nosso Grupo Folclórico foi atingido nas deslocacões ao Estrangeiro, a fim de participar em grandiosos Festivais Internacionais de grande nomeada, a destacar:

1986 - França, Luxemburgo e Alemanha Federal

1987 - França

Finalmente, há que referir a organização anual do "Festival de Folclore da Ria de Ovar" antecedido de um desfile fluvial em barcos moliceiros, acontecimento com características tão inéditas e únicas no país e que entrou já na tradição das gentes de Ovar e da Praia do Areinho, local da sua realização.

## ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA CANTARINHAS DA TRIANA

A Associação Folclórica "CANTARINHAS DA TRIANA", fundada em 18 de Setembro de 1961, que tem a sua sede no Lugar da Triana, vila de Rio Tinto, do concelho de Gondomar, tem como principal objectivo desenvolver um trabalho de recolha e enriquecimento etnográfico da região do Douro Litoral.

Deste modo, os elementos do Grupo têm optado por trabalhos de pesquisa, nomeadamente no que se relaciona com danças e cantares, trajes e tocatas tradicionais e populares daquela área geográfica. Vestindo-se, como o faziam na sua região as gentes do passado, o Grupo Folclórico "CANTARINHAS DA TRIANA", exhibe os seguintes trajes:

- Noivos;
- Aguadeiros;
- Trabalho: - (lavradores caseiros);
- Romaria;
- Lavradores abastados;
- Feira;
- Vendedeira ambulante;
- Moda antiga;
- Mordomos;
- Lavadeira de Rio Tinto;
- Leiteira de Rio Tinto;
- Domingueiro;
- Trabalho: - (ceifeiros);
- Fiandeira e Palhoça.
- Capote de Verino
- Trajes de Missa
- Traje de Romaria (Senhora rica), ou traje de Festa

As "CANTARINHAS" devem o seu nome a uma fonte local, designada "Fonte dos Cortiços". Hoje em dia, completamente degradada e quase seca, foi, outrora, um ponto de encontro dos habitantes, sobretudo durante as tardes de estio.

A esta fonte iam pessoas de vários pontos da vila (e até de outras), buscar água - que consideravam "milagrosa" - com uns cántaros característicos, que mais tarde vinham a ser designados de "CANTARINHAS".

Daqui a origem do nome do Grupo, uma Associação Folclórica, bem enraizada nas populações locais das quais procura ser um mostruário fidedigno no repositório das suas danças, cantares e trajes, em suma, dos seus costumes ancestrais.



## GRUPO CORAL E ETNOGRÁFICO "AS CAMPONESAS" DE CASTRO VERDE

O canto alentejano, cujas origens se confundem e mergulham no canto gregoriano segundo uns, ou nas profundezas do espírito árabe, no entender de outros, é o traço cultural mais vincado do Povo que entre o Tejo e a serra algarvia vive na largueza dos horizontes.

Canto polifónico, de letra singela, deixa à melodia quanto se pretende transmitir. O sentimento que sobressai nas vaias prolongadas, impõe-se como queixumes contidos disfarçando mesmo alguma alegria que os dizeres possam sugerir.

Cantava-se à ida para o trabalho, no trabalho e depois do trabalho colectivamente. Começa num ponto, um alto levanta a moda, canta depois o coro, em unísono como quem junta as fraquezas para fazer a força que lhes concede o prazer do brado que se ouve mais longe.

Quando há meio século o canto passou a ser ensaiado e gerado em Grupos Corais, já sem carácter espontâneo, já com propósitos distintos do cantar porque apetece, assistiu-se à marginalização das vozes femininas.

As mulheres ficaram de fora, as mulheres calaram-se porque o seu estatuto, a sua condição e o seu papel não permitiam que andassem em Grupos a cantar em público por aqui e por ali.

E isto aconteceu durante décadas em que o silêncio das vozes delas constituía uma afronta e uma perda que não se podia prolongar sob pena de a nossa Cultura passar a ser meia verdade.

Assim, em Março de 1984, sob a égide da "Castral Castronum" - Associação de Defesa do Património Natural e Cultural do concelho de Castro Verde -, um grupo de mulheres quebrou o medo e a mudez, formando um Grupo Coral Feminino que logo em Junho desse mesmo ano obteve o primeiro lugar no concurso do traje que se realizou em Beja.

Desde então, têm-se multiplicado as actuações do norte ao sul do país, levando, qual embaixada, o testemunho fiel da nossa Cultura genuína.

As modas que cantam resultam de aturadas pesquisas em que se montam, peça a peça, silaba a silaba, versos esquecidos, estilos perdidos e costumes abandonados na pressa imposta pela corrida atrás do "progresso".

Entretanto, contra a corrente, enfrentando os ventos adversos como todos os que ousam, em Castro Verde um grupo de mulheres afirma-se elevando-se individualmente e arroga-se colectivamente o direito de defender a sua Cultura cantando de novo as modas que há muitos anos atrás cantavam na ida para o trabalho, no trabalho e depois do trabalho.



## GRUPO DE DANÇAS E CANTARES DE STª MARIA DE OLIVAL

### HISTORIAL

O Grupo de Danças e Cantares de Santa Maria de Olival, foi fundado em 1977, com forma jurídica por Escritura Notarial de 1980 e membro efectivo da Federação do Floclore Português a partir de 1983.

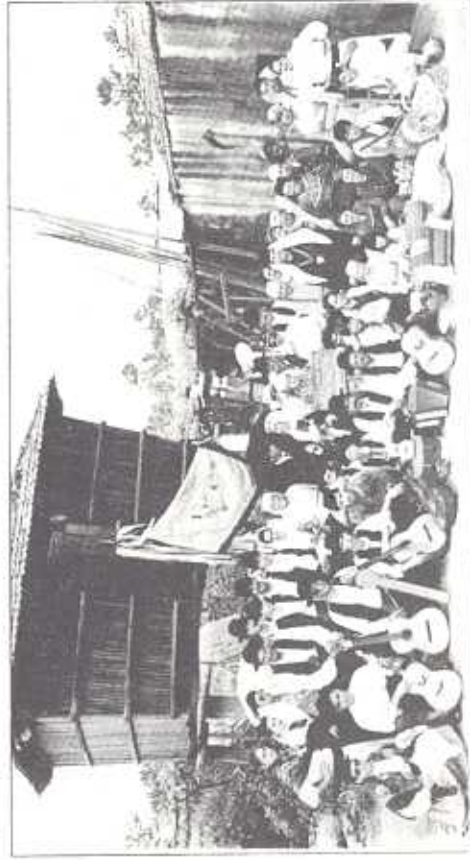
Situa-se geograficamente no interior de Vila Nova de Gaia e enriqueceu o património etnográfico que o povo das velhas Terras da Feira ou de Santa Maria soube guardar ao longo dos séculos.

Recolhemos danças e cantares que demonstram a riqueza e simplicidade do nosso povo.

Organizamos anualmente um Festival Internacional de Floclore e temos percorrido o País de Norte a Sul em vários Festivais Nacionais e Internacionais, levando um pouco da Cultura e das tradições dos antepassados.

Em 1985 deslocámo-nos a Mâcon- França e temos um museu de etnografia que, para além de preservar o Património Cultural da Região, mantém bem vivas as tradições dos nossos avós.

Em 1988 participámos na Gala Internacional de Floclore que se realizou em Messina- Sicília- Itália.



## RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE FIGUEIRÓ

### RAZÃO DE SER DO RANCHO FOLCLÓRICO

Esta Casa do Povo, centro de lazer e de convívio para os nossos conterrâneos, independentemente dos seus fins estatutários, ávida de cultura, procedeu a investigações curiosas sobre a história do traje na região e com base na tradição ancestral e no testemunho histórico - popular dos seus anciãos, foi coligindo elementos e reunindo dados que despertaram o interesse colectivo de consubstanciar num Rancho Folclórico não só a maneira de vestir em dia de gala ou domingo, como ainda a forma de espraizar mágoas ou exteriorizar alegrias em cantares populares

## CONSTITUIÇÃO

Assim, em Maio de 1983, graças ao esforço pessoal de **ALÍPIO DA FONSECA MOREIRA** e **ALBERTO TEIXEIRA**, surgiu o **RANCHO FOLCLÓRICO** desta casa do povo, o qual sem a forma actual, melhor dizendo sem a constituição em grupo, mas em policromia da multidão se notara já em forma digna de registo quando da visita de El-Rei D. Manuel na sua passagem por Amarante no princípio do século.

Remontam a esta data os trajes mais usados na apresentação do Rancho, com reminiscências e influências dos contactos de Portugal com o extremo oriente.

### PATRIMÓNIO ARTÍSTICO

Assim, tendo a freguesia da Figueiró influência desde os primórdios da nacionalidade dos acompanhantes das filhas de D. Afonso Henriques para Alpendurada e Lamego, dos frades vimaranenses a cuja ordem pertencia S. Gonçalo, dos industriais que desde cedo se instalaram na região de Guimarães e daqueles que trabalhando a seda natural em Lamego vinham pela nossa terra a caminho de Braga com os paramentos para as igrejas, sofreu a influência de culturas e cantares que de inquérito em inquérito fomos compilando e consubstanciámos no Rancho Folclórico.

### RIQUEZA DO VESTUÁRIO

Perdem-se nos tempos as datas precisas a que remonta o uso dos trejos que o Rancho apresenta, mas podemos afirmar que a idade se situa entre 70 e 150 anos.

E os modelos foram reunidos das diversas freguesias onde foi possível encontrá-los no concelho de Amarante; tenha-se em conta que neste concelho houve sempre gente ilustre nas cortes de Lisboa: os Pais do Poeta Teixeira de Pascoais eram pares do reino no reinado de D. Carlos.

De Amarante houve um Bispo no extremo oriente. A ida de gente ilustre do concelho a terras da capital ou do Império determinavam de tempos a tempos a retribuição de visitas ao nosso concelho, motivo de exibição dos trajes festivos que procuramos perpetuar e apresentar ao povo da nossa terra.

Permitimo-nos apenas um pequeno apontamento aos seguintes trajes:

**TRAJO DE LAVADEIRA RICA**

**TRAJO DE TRABALHO**

**TRAJO DE SENHORA RICA**

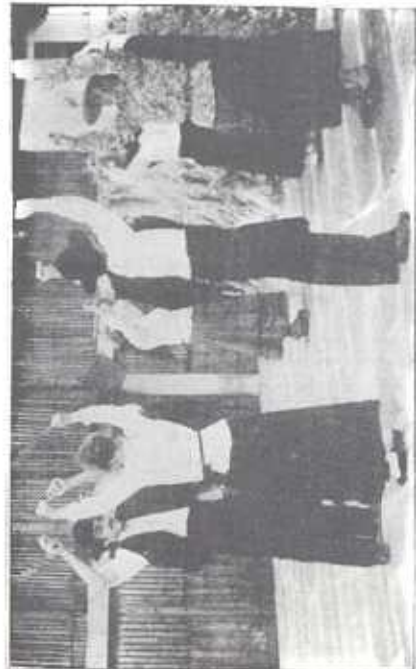
**TRAJO DE NOIVA**

**TRAJO DE IR À FEIRA**

**NOIVO**

**TRAJO DE TRABALHO (HOMEM)**

**TRAJO DE IR À FESTA E À FEIRA (HOMEM)**



## INSTRUMENTOS E ALFAIAS

Na apresentação em público o **Rancho Folclórico** desta Casa do Povo faz-se acompanhar dos seguintes instrumentos e alfaias, utensílios da sua actividade na terra laboriosa que herdaram ou adquiriram à custa de muito suor: malho, ancinho, canheiro, moinho de moer, linho em miniatura, espadadoiro, espadela, cedeiro, roca e fuso, sarilho, dobadoira, caneleira e tear em miniatura.

## RANCHO TIPICO DE PALEÃO

Do Século XIII ao Séc. XIX a romaria de S. Mateus era uma das mais importantes romarias de Portugal. O Povo local, sempre bem acompanhado pelos forasteiros devotos de S. Rijo e de S. Mateus, dava largas ao seu entusiasmo, cantando e dançando "rijamente" noite e dia, envurgando os seus atrosos e ricos trajes, os mesmos que o Rancho Típico de Paleão hoje enverga, e, cuja descrição é a seguinte:

**MULHER** - A mulher usa chapéu preto sobreposto ao lenço. Veste blusa rendada de diversas cores e saia preta com barra de veludo e aligeiras. As meias são de várias cores e calça sapatos serranos. Depois, sobre isto, uma capoteira rica, larga, com gola de vidrilhos.

**HOMEM** - O homem usa barrete preto, comprido, camisa branca, colete preto, calça preta, de boca de sino, cinta preta e lenço tabaqueiro, calçando bota serrana.

O folclore - as danças e os cantares desse tempo e de hoje - divide-se em dois tipos: o da serra e o do litoral. No primeiro, as danças apresentam-se sempre de roda e vulgarmente com troca de pares. No litoral, já é mais corrente apresentarem-se em grupos de dois pares.

O rancho compõe-se de 40 elementos, sendo em número de 9 os elementos que compõem a tocata e cujos instrumentos são os seguintes: acordeões, pifaro, violas, ferrinhos, cana e tambor.

Entre os restantes elementos há, ainda, a destacar um grupo de cantadores e acompanhantes que, com os seus trajes típicos representam certas actividades e cerimónias do passado na região, tais como: noivos, mulher rica da serra, mulher da serra, gramadeira, fiandeira, pastor, homem da serra quando ia ao mercado, mulher meio-abastada do campo e moleiro.

Este Rancho Típico foi fundado em 1954 e, desde então para cá, sempre tem mantido uma posição cimeira dentro do Floclore Nacional.

Tem tido actuações pelos mais diversos pontos do País e, ainda, além-fronteiras.

Tem tido, também, actuações em programas directos e outros em diferido da Radiotelevisão Portuguesa, tanto dos estúdios de Lisboa como do Porto e, ainda, na Radiolusão.

Tem várias gravações em disco e cassette.

## RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE SOUSELO

### Historial

"Situado entre Douro e Paiva e baseado no Cancioneiro de Cinfães, foi fundado este Rancho em 27/Setembro /1977 numa tradicional noite "das Manias". Apresenta o Folclore da beira-rio, com seus trajes típicos e suas danças e cantares genuínos. Tem-se feito representar do Minho ao Algarve, bem como digressões a Espanha, França e Brasil."



## RANCHO FOLCLÓRICO DA CASA DO POVO DE NISA

### RESENHA

Nisa, terra bordada de encantos, está situada a 35 Km de Portalegre. Esta maravilhosa vila é uma das mais antigas da nossa nacionalidade.

Nisa-a-Velha, situada a 4 Km da actual Vila de Nisa, remonta às mais distantes épocas. Moedas, marcos, pedras tumulares, objectos de barro, pontes, estradas, testemunham que aqui viveram Romanos, Visigodos e Arabes.

A actual Nisa, foi uma dádiva do Rei D. Dinis, aquando das lutas travadas com seu irmão D. Afonso.

As duas vilas porém coexistiram durante algum tempo. O povo de Nisa, o Nizorro, como lhe chamaram os antigos, é um povo trabalhador e alegre, tentando preservar todos os seus usos e costumes.

Os seus cantares revelam-nos todos os seus segredos e fazem-se ouvir por esse Portugal com graça e encanto muito próprios da nossa juventude. O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Nisa, é um exemplo do nosso esforço e vontade de trabalhar, para mostrarmos aos que nos ouvem, quão rica é a nossa terra.

A nossa tocata ou "Música" é constituída por instrumentos artesanais e uma concertina. Normalmente demonstramos a maneira como se vestia o nosso povo antigamente.

Modas de estralos, bailes de roda, saias, viras e modas a dois passos. O grupo foi fundado em 1982 por jovens que, sabendo que na nossa terra e concelho, existe uma grande riqueza em trajes, danças, cantares e artesanato, quis dar a conhecer a outros povos a sua riqueza etnográfica. Conta já com eivadas demonstrações em festivais e festas por todo o país.

Orgulha-se de tentar em cada dia que passa ser mais puro na sua etnografia e no seu folclore. É composto por 42 elementos, 24 bailadores, 8 na tocata, 2 cantadeiras e 8 figurantes trajando roupas do séc. passado designando-se por:  
Traje Domingueiro, Missa, Viúva, Noivos, Ceifeiros, Ganhão, Romaria, Traje de Casa e Lavrador.

